CIDAC
Centro de Documentação
TL3637

Maio
1984

nº 44

ENCONTRO

PARÓQUIA DA AJUDA – PORTO

Sai este número do jornal ENCONTRO no DIA DA MÃE. Muito se escreve, muito se diz sobre a Mãe. E quando o fazemos normalmente os nossos olhos ficam cheios de lágrimas. Lágrimas de ternura e reconhecimento, de encanto e emoção, por aquela que com o Pai nos gerou e nos deu vida. Neste dia lançamos um obrigada àquela que passou horas e horas preocupada connosco, nos apontou caminhos e formas de estar e olhar a vida, nos acarinhou em momentos de incerteza e desespero, mas, sobretudo, nos ensinou a AMAR A VIDA que temos.

Mas neste mês de Maio e neste dia gostaria de lançar o meu obrigada à Mãe trabalhadora ou à Mãe a quem a carestia de vida não deixa ser Mãe. O meu obrigada à Mãe a quem o trabalho duro cansa e esgota, ou sobressalta pois está em risco o seu pequeno e magro ganha-pão. O meu obrigado à Mãe que o ousa ser mesmo quando olhando o mundo e os seus valores, a forma como está a ser gerido, não encontra grande futuro. O meu obrigado à Mãe que para além do cansaço tem tempo para estar paciente e ternamente com o filho ou filha que não quer estudar ou trabalhar, mas vagabundeia pelas valetas que os homens lhes oferecem. O meu obrigado à Mãe que ainda tem lugar para outros rapazes e raparigas, sobretudo tempo ou escasso tempo para transmitir a alegria da vida, a esperança nos homens, a ternura de Deus que ama,... OBRIGADO MÃE.

Padre Baptista

MÃE

... QUANDO EU NASCI,
ficou tudo como estava,
nem homens cortaram as veias,
nem o Sol escureceu,
nem houve estrelas a mais ...

SOMENTE,
esquecida das dores,
a minha Mãe sorriu e agradeceu.

... QUANDO EU NASCI,
não houve nada de novo
senão eu.

As nuvens não se espantaram,
nem enlouqueceu ninguém ...

Pra que o dia fosse enorme
bastava
toda a ternura que olhava
nos olhos de minha MÃE.

(Sebastião da Gama)

D. MARTINHO LOPES TROUXE MENSAGEM DE ESPERANÇA

Na passada sexta-feira, dia 30 de Março, D. Martinho da Costa Lopes, que foi administrador apostólico da diocese de Dili, Timor-Leste, até Maio do ano passado, esteve na Pasteleira a falar da situação nesse território ainda sob administração portuguesa.

A abrir a sessão o Padre Baptista fez uma saudação a Monsenhor Martinho Lopes...
Falou depois António Barbedo Magalhães, membro da Comiss-ao par os Direitos do Povo Maubere e da nossa comunidade paroquial, que começou por manifestar o seu regozijo pela recente tomada de posição da Comissão Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa na sua nota de e8 de Março, da qual sitou: "(...) é ilusório pensar que, por detrás dos tristes acontecimentos que ocorrem em Timor, não esteja a consciência duma entidade nacional fortemente sentida, a qual não suporta ver-se reprimida ou aniquilada".
"Timor aspira à plena expressão da sua individualidade própria, e impedir-lha traduz-se, não apenas num genocídio físico, mas num genocídio digamos, "cultural", este mais grave do que o primeiro, porque afecta tanto os que morrem como os que sobrevivem, é não só as gerações presentes como as futuras".
Citou também a carta que em 17 de Novembro de 1983 a Conferência Episcopal Indonésia enviou ao administrador apostólico (monsenhor Carlos Filipe Ximenes Belo) e aos sacerdotes, irmãos e irmãs da diocese de Dili. Nessa carta, os bispos católicos indonésios, depois de expressarem a sua solidariedade para com todos os que sofrem, referem os seus esforços no sentido de "assegurar, na prática, o reconhecimento e o respeito por aquelas coisas consideradas mais sagradas pelo povo de Timor-Leste: a sua religião, a sua família e a sua terra".
E, mais adiante, esses mesmos bispos concluem, citando a Gaudium et Spes: "A paz não é unicamente a ausência da guerra nem se reduz a um mero equilíbrio de forças adversas, nem provém de uma ditadura, mas define-se, com razão e propriedade, 'obra da justiça'". Recordou ainda palavras de Monsenhor Ximenes Belo, numa entrevista a um semanário católico de Macau, onde este fala do sentimento nacional arreigado no povo de Timor-Leste, e na resistência à integração que existe no interior de cada maubere.
Fez, em seguida, uma breve apresentação de Monsenhor Martinho Lopes, referindo depois aspectos da sua vida. Monsenhor Martinho Lopes, nasceu em Laleia, Manatuto, na zona central de Timor. Foi ordenado padre secular em 1948 e foi vigário geral de 1972 a 1977. Quando em 1977 D. José Joaquim Ribeiro, bispo de Dili, resignou, Monsenhor Martinho Lopes foi empossado administrador apostólico da diocese, cargo que ocupou até à sua saída de Timor, em 17 Maio de 1983. Referiu que durante estes oito difíceis anos Monsenhor Martinho Lopes se manteve junto do seu povo, cujos sofrimentos e esperanças tão profundamente partilhou.

Seguiu-se a passagem de diapositivos sobre a vida nas zonas do interior, controladas pela Fretilin, sobre os massacres perpetrados pelas forças indonésias, e relativos à alimentação, educação e cultura nessas zonas, além de aspectos militares.

Comentando esses diapositivos, Monsenhor Martinho Lopes, no seu estilo directo de homem simples a quem uma fé e uma esperança inabaláveis animam, falou-nos sobre estes oito anos de violência de massacres, de toda a espécie de sofrimentos que os ocupantes indonésios têm provocado, numa tentativa infrutífera de se imporem pelo terror.
D. Martinho Lopes referiu o genocídio físico, iniciado no próprio dia 7 de Dezembro de 1975, data da invasão de Dili. Nesse dia, mais de vinte navios de guerra indonésios bombardearam a capital a as montanhas das arredores, a fim de desalojarem a Fretilin.
Seguiu-se o lançamento de paraquedistas; o assassinato indiscrimi

... / ...

nado de homens, mulheres e jovens; os fuzilamentos no porto, na borda do cais, para que os mortos caíssem ao mar, ..., o saque das casas dos comerciantes chineses, as violações das mulheres e das raparigas, e que levaram tantas delas a pedir abrigo no Paço Episcopal, onde tiveram de pernoitar durante muitas semanas...
E, D. Martinho Lopes, fala no horror que estes métodos produziram no povo da sua terra, habituado a venerar os seus mortrs, junto dos quais vive, numa convivência para além da morte ... e o desprezo que passaram a merecer os bárbaros ocupantes, que não respeitavam nem os haveres, nem as raparigas, nem se quer as mulheres casadas, nem os vivos e nem os mortos...
Falou depois de outros massacres. Da destruição de culturas e das fomes assim provocadas. Das marchas forçadas dos homens dos 15 (e por vezes mesmo a partir dos 12) aos 55 anos, para servirem de escudo, à frente dos soldados indonésios.

D. Martinho Lopes, que fala com a vivacidade de quem acompanhou de perto este drama, refere algumas diligências que fez junto das mais altas instâncias indonésias (incluindo o próprio presidente Suharto), das denúncias que fez destes crimes que não eram apenas obra de soldados enlouquecidos pela guerra, mas resultavam de directrizes superiores, emanadas do próprio ministro da defesa e altos comandos com quem chegou a falar em Baucau.
Depois refere-se ao genocídio cultural. Lembra que, de acordo com a Constituição indonesia toda a gente tem de ter uma das cinco religiões seguintes: muçulmano, cristão, judeu, budista ou hinduísta. O animismo c', e foi, reprimido em Timor Leste. E o seu povo, para evitar represálias, muitas vezes se dizia cristão para salvar a vida: -"chamo-me António, logo sou cristão..." mesmo que não fosse baptizado!
Daí as estatísticas erradas das autoridades indonésias que dão valores superiores aos da própria igreja.
Falou na tentativa que fizeram os indonésios de islamizar o povo Timor, oferecendo-lhe comida, roupas, e empregos, e do completo fracasso dessa tentativa, que pouco depois as autoridades de ocupação abandonaram: - não tinham resultados e arriscavam-se a provocar uma guerra religiosa, a complicar ainda mais a já difícil guerra pelo controle do território!... Referiu o aumento do número de católicos (praticantes), os baptistmos e as confirmações, não só nas cidades e vilas mas também nos campos e montanhas.
Falou no pedido de padres que a Fretilin fez para dar assistência religiosa aos guerrilheiros e ao povo que com eles vive nas zonas do interior. E concluiu que o aumento de católicos era também uma forma do povo afirmar a sua identidade, em oposição ao ocupante muçulmano.
Referiu-se ainda à destruição das florestas, quer por meio de bombardeamentos, quer pelo desejo de enriquecer rapidamente, que leva os indonésios a cortar árvores de sândalo demasiado jovens e a destruir assim as plantações.
Por fim, manifestou a sua esperança no futuro da sua terra e do seu povo que luta por um ideal, pela sua liberdade e independência. Ao contrário, os soldados indonésios são pouco combativos, pois não lutam senão porque são mandados. Alguns destes, mais conscientes, dizem: -"se nós lutamos contra o colonialismo holandês, porque queríamos ser livres, porque havemos de lutar contra o povo de Timor, se ele quer ser livre e independente?".
E falou mesmo de companhias inteiras e até batalhões que, por causa disso, se recusaram a combater, sendo presos os seus comandantes.

Seguiu-se um período de perguntas e respostas, onde se estabeleceu diálogo com a assembleia, em torno de algumas questões, de que salientamos:

-A propósito da legitimidade da guerra, e sobre a qual D. Martinho Lopes esclareceu que, perante a realidade dos roubos, das violações, dos assassinatos e todo o género de crimes, o povo Timorense viu rapidamente que não tinha outro processo de se defender... trata-se, pois, de

(cont.)

rença.

Já há um telhado, paredes, janelas e portas, mas as salas estão vazias. Há que recheá-las mesmo que seja com "móveis da **Picaria**". Já se compraram algumas cadeiras. Vão ser precisas mais, e não só. Ouvi no segundo domingo de Páscoa alguém segredar entusiasticamente que algumas pessoas pensavam contribuir para o pagamento de uma ou mais cadeiras, de acordo com as suas possibilidades-que gesto tão simples e sublime.

Ninguém pediu nada, foi um acto espontâneo que me fez lembrar, agora com alegria, o tipo de dádiva/partilha que sempre idealizei.

Pensando bem, não somos todos nós (pais, filhos, noivos, netos, etc) que iremos utilizar aquelas "coisas"?

CONCLUINDO:

Aqui fica a notícia da iniciativa de uns poucos para a reflexão de muitos.

Deixemos o Padre dedicar-se ao serviço evangélico, prioritariamente, pois como dizia S. Paulo: "aqueles que anunciam o Evangelho devem viver do Evangelho" e permitamo-lhe saborear o fruto do seu sonho que também foi o nosso.

Saibamos nós, os leigos, tratar das coisas da matéria, assumindo a "equitativa corresponsabilidade fraterna".

Ramiro Alfredo

... / ...

legítima defesa!...

- Quanto à eventual hipótese de uma solução de autonomia do território, mas ainda no quadro da nação indonésia, de que agora se fala, D. Martinho Lopes foi claro: -é um paliativo que nada resolve. O Povo de Timor-Leste luta pela sua independência, pois sabe que o governo indonésio hoje prometeu uma coisa e amanhã faz outra. Se dessem a ampla autonomia ao território, sem independência, quem garante que amanhã não retiraria essa autonomia?

- Relativamente à origem das armas e das munições de que dispõe a guerrilha, D. Martinho Lopes esclareceu que uma parte ainda era proveniente do arsenal deixado em Timor. As restantes eram capturadas ou mesmo compradas(!) aos indonésios!

... Enfim, oito anos de guerra, cerca de 200 mil mortos (numa população que era de 700 mil) ensinaram muita coisa. Tanto sangue vertido não pode ter sido em vão!.

A esperança existe. E foi essa esperança que D. Martinho Lopes trouxe até nós, animado da sua fé cristã, hoje compartilhada já por mais de metade do povo maubere, e vivificada pelo sangue de mais de 80 mil cristãos que morreram pela sua pátria e pela sua maneira de ser própria de que a religião católica é uma componente fundamental.

António Barbedo Magalhães

CALENDÁRIO DAS ACÇÕES PROGRAMADAS ATÉ FINS DE JUNHO

MES	DIA	D E S C R I Ç Ã O:
MAIO	20	Festa da criança no Pavilhão do Infante de Sagres
	26	Terço Jovem
	31	Encerramento da Oração Mariana
JUNHO	3	Festa do Sencor e da Senhora da Ajuda
		Caminhada para os grupos de 14 a 16 anos
	9	Caminhada das crianças do catecismo
	10	Compromisso do 4º Volume da Catequese Infantil (10 hs.)
		Festa da Adolescência (11, 15 hs.)
		Compromisso do Crisma (11, 15 hs.)
	17	Caminhada para Jovens
	23	Noitada de S. João
	30	Inauguração das Instalações Paroquiais